

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FERNANDA NIEMEYER

**CONSTITUINDO SUJEITOS ANORÉXICOS:
discursos da revista *Capricho***

Porto Alegre

2007

FERNANDA NIEMEYER

**CONSTITUINDO SUJEITOS ANORÉXICOS:
discursos da revista *Capricho***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Enfermeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Henriqueta Luce Kruse

Porto Alegre

2007

Dedico esta conquista a meus pais,
Fernando e Joaleza,
exemplos de vida que tento seguir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço minha querida “Profi” Maria Henriqueta Luce Kruse pelo carinho, pela paciência e pelos conselhos dedicados a mim ao longo destes dois anos de convivência. Obrigada por acreditar no meu potencial, por ter me inserido no mundo maravilhoso da pesquisa e por estar me abrindo novos caminhos. Quero agradecer também por ter tornado o sonho desse projeto em realidade.

Aos meus pais, Fernando e Joaleza, pelos ensinamentos de vida que fizeram com que eu me tornasse uma pessoa melhor. Rafa, meu irmão, obrigada pela calma que tiveste comigo em muitos momentos. Ao meu namorado, Marco Antônio, pela dedicação e amor, por compreender minhas ausências e pelo colo nos momentos difíceis, auxiliando-me a superar as inevitáveis crises.

Agradeço minhas colegas, amigas e parceiras dessa caminhada Kelly Ribeiro de Freitas, Helen Mendonça da Rosa, Aline Modelski Schatkoski e Thanize Prates da Rosa. Nossa convivência me fez entender o significado da verdadeira amizade.

Minha eterna gratidão aos professores e funcionários da Escola de Enfermagem da UFRGS pela afeição e pelo empenho em oferecer um ensino de qualidade. Um agradecimento especial à Prof^a. Adriana Fertig e ao Prof. Baltasar Renosi Lapis por terem me ajudado a superar um momento de dificuldade pessoal. À Prof^a. Maria Luiza Ludwig pela amizade e pela alegria contagiante. Agradeço também à Prof^a. Miriam de Abreu Almeida pela afeição e carinho. Obrigada Prof^a. Christine Wetzel e Enf^a Rúbia Ribeiro que, além de sempre terem acreditado neste trabalho, carinhosamente aceitaram participar da minha banca avaliadora.

Às minhas colegas do grupo de orientação da Prof^a. Henriqueta, Daniela Dallegrave, Lisiane Pruinelli, Lydia Chicar, Karen Schein, Rúbia Ribeiro e Helen Mendonça da Rosa, agradeço os momentos de reflexão que proporcionaram crescimento intelectual.

Agradeço aos funcionários da unidade de internação cirúrgica 8º Norte, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, pelo carinho, compreensão e dedicação dispensados a mim, colaborando na minha formação profissional. Um agradecimento especial à Enf^a. Melissa Prade Hemesath, por confiar no meu trabalho e por ensinar a me tornar uma melhor profissional.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, me ajudaram a concluir este trabalho.

“Quando tudo é imagem, onde vai parar o original?
A vida torna-se estilizada, banalizada.
A vida cotidiana torna-se o próprio espetáculo.”

Jean Baudrillard

RESUMO

A mídia desempenha papel essencial na constituição da identidade moderna e na produção de conceitos e comportamentos, educando, disciplinando e regulando corpos como qualquer outra instância educativa. Desta forma, motivei-me para realizar um trabalho em que pudesse entender como os discursos midiáticos constituem sujeitos. O objetivo foi analisar discursos sobre o corpo adolescente na revista *Capricho* e refletir acerca dos sentidos que provocam. O estudo tem natureza qualitativa, com abordagem exploratória, se aproximando do campo dos Estudos Culturais, particularmente de sua versão pós-estruturalista no referencial foucaultiano. Tomei como *corpus de análise* 21 revistas *Capricho*, dos anos de 2005, 2006 e 2007, a qual tem como público as adolescentes. Nas análises observei que os discursos estão associados a um ideal de corpo associado à magreza, organizado em uma rede discursiva que interpela suas leitoras, inclusive alertando para os perigos da Anorexia Nervosa, divulgando uma lista de “atitudes anoréxicas”. Ao analisar tais atitudes, observei que os discursos da Revista sobre o corpo são contraditórios, incoerentes e precários, já que correspondem exatamente a essas atitudes. Para apoiar tal afirmativa criei as seguintes categorias: Colecionando dietas, Viciada em malhação e Roupas para disfarçar o corpo. Avalio que a revista *Capricho*, ao se dirigir ao público adolescente, constitui-se num poderoso artefato cultural que opera no sentido de produzir sujeitos anoréxicos. Entendo que as idéias resultantes de estudos dessa natureza são importantes, já que proporcionam intervenções pedagógicas.

Descritores: Anorexia Nervosa; Adolescente; Meios de Comunicação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Il Shin: Forever Young	22
FIGURA 2 – Game over: o jogo diabólico da anorexia	28
FIGURA 3 – Verão à mostra	28
FIGURA 4 – Hora de morfar!	35

SUMÁRIO

1	PODE ENTRAR	8
2	TÁ LIGADA	11
3	MÃO NA MASSA	15
4	ALGUÉM ME EXPLICA	18
5	CORPO IDEAL / CORPO ANORÉXICO	24
	Colecionando dietas	26
	Viciada em malhação	30
	Roupas para disfarçar o corpo	33
6	ESTIVE PENSANDO...	37
	REFERÊNCIAS	38
	REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS	41

1 PODE ENTRAR ¹

A Anorexia Nervosa tem sido amplamente discutida nos meios de comunicação. A morte de uma modelo de 21 anos e uma personagem de novela foram, talvez, as faces mais visíveis desta chamada doença da cultura contemporânea. A visibilidade destes “personagens” me instigou a pensar sobre como o corpo ideal é construído para estas jovens.

Atualmente, a Anorexia Nervosa é um transtorno alimentar inscrito nos sistemas classificatórios DSM-IV e CID-10. As pessoas portadoras desse transtorno têm uma preocupação excessiva em relação à forma e ao peso corporal, o que as leva a adotar comportamentos inadequados dirigidos à perda de peso, como o jejum voluntário e a inanição auto-imposta (GALVÃO; CLAUDINO; BORGES, 2006).

Em minhas pesquisas durante a graduação descobri os *sites* pró-ana e pró-mia, que apresentam relatos de meninas portadoras de transtornos alimentares. Desse modo, pude conhecer um pouco a relação dessas meninas com seus corpos e passei a questionar qual o papel da mídia no processo de idolatria do corpo ideal.

Por ter sido leitora da revista *Capricho*, e por esta ter influenciado valores em mim inscritos, motivei-me para realizar um trabalho em que pudesse entender como os discursos dessa revista constituem suas leitoras, no sentido do molde do corpo, e como essas meninas são incitadas a se reconhecerem nestes corpos magros, levando algumas a um processo patológico, como a Anorexia Nervosa. Stenzel (2006) afirma que as representações sociais e todo o imaginário existente na sociedade e na cultura em torno do corpo atingem a todos nós, e não só aos pacientes portadores de transtornos alimentares.

Tendo como base os Estudos Culturais, em sua aproximação com a abordagem pós-estruturalista de Michel Foucault, parto do pressuposto de que o sujeito é alguém construído pelos discursos que o cercam, e não produto da natureza. Essa perspectiva permite entender e trabalhar com a noção de corpo como construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relações de saber-poder (SCHWENGBER, 2006). Passamos a lidar com a concepção de corpo cultural: o corpo dócil de Foucault (1983), “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p.126). Deste modo, ao invés de emanarem práticas sociais, econômicas, culturais e políticas a partir do sujeito, esse passa a ser derivado

¹ Alguns títulos que utilizo para nomear os capítulos referem-se às seções da revista *Capricho*.

a partir dessas práticas, aqui vistas como práticas discursivas. Esta afirmação é assim explicada por Veiga-Neto (2004):

Os discursos podem ser entendidos como histórias que, encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõem a nós como regimes de verdade. Um regime de verdade é constituído por séries discursivas, famílias cujos enunciados (verdadeiros e não verdadeiros) estabelecem o pensável como um campo de possibilidades fora do qual nada faz sentido [...]. Cada um de nós ocupa sempre uma posição numa rede discursiva de modo a ser constantemente “bombardeado”, interpelado, por séries discursivas cujos enunciados encadeiam-se a muitos e muitos outros enunciados. Esse emaranhado de séries discursivas institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um período de tempo, funcionará como um amplo domínio simbólico *no qual e através do qual* daremos sentido às nossas vidas (p.56-57).

Assim, vejo a mídia como uma instância onde o poder se exercita. Ela educa, disciplina e regula os corpos como qualquer outra instância educativa. Pode, então, ser tratada como uma Pedagogia Cultural. (ANDRADE, 2002). Schwengber (2006) afirma que, atualmente, uma sofisticada maquinaria pedagógica, incluindo aí revistas, jornais, programas de TV, filmes, músicas, esportes e publicidade, amplia e complexifica a educação dos corpos. Esses artefatos culturais capturam e re-produzem sentidos e significados que circulam na cultura, “produzindo sujeitos e identidades sociais em intrincadas redes de poder” (idem, p.34). As “verdades” implicadas nas estratégias midiáticas funcionam como modos de manter e colocar em ação dispositivos de governamento do corpo, que produz sujeitos e guia a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo (Marshall, 1994). Segundo Bauman (2001), as revistas agem sobre bases interpretativas mais simplificadas e mais adaptadas ao nosso tempo, seduzindo, então, seus leitores e apresentando-se como uma proposta renovada. Sendo assim, tomo a revista *Capricho* como representante de uma cultura que ensina adolescentes a serem sujeitos com determinado corpo, que seria o corpo certo. Faz parte de uma pedagogia que visa à produção de identidades, à produção de um determinado tipo de corpo feminino (ANDRADE, 2002). Ela ensina, controla e governa, exercendo, assim, o poder de subjetivação e objetivação dos sujeitos. Pensamos que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia e que ele escapa à história. É um erro: ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais (FOUCAULT, 1989). Assim, o autor afirma que cada sociedade tem seu regime de verdade, isto é, os discursos que aceita e faz funcionar são tidos como verdadeiros. A noção de discurso de Foucault é a de que ele é produtivo. Ele não só nomeia,

mas também produz identidade. Para ele, o discurso é uma prática que forma os objetos de que fala. Assim, a mídia vem exercendo um importante papel na formação das pessoas: as ensina modos de ser, estar e se portar no mundo, conhecimentos de si mesmo e dos outros, valores, normas e procedimentos (PARAÍSO, 2001). Para Foucault (1983), em qualquer sociedade, o corpo está aprisionado em poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

O que me interessa nas páginas da revista *Capricho* são os processos pelos quais as “verdades” sobre o corpo são fabricadas por ela, produzindo, dessa forma, uma série de valores, conceitos e idéias que auxiliam a propagar um discurso próprio sobre a imagem corporal (PARAÍSO, 2001). Acredito que meus achados servirão de base para um entendimento do universo adolescente, principalmente pelo aumento crescente das chamadas doenças da modernidade, nessa faixa etária. É necessário que a enfermeira compreenda em que universo o jovem está inserido e como ele é subjetivado pela cultura que o cerca. As investigações acerca de discursos pelos quais determinados saberes passam a fazer parte de um grupo social, conseqüentemente sendo vistos como saberes universais, são construtivas quando são combinados elementos foucaultianos e os Estudos Culturais. Entendo que as idéias resultantes de estudos dessa natureza são importantes, já que proporcionam intervenções pedagógicas (VEIGA-NETO, 2004).

Deste modo, meu objetivo é **analisar discursos sobre o corpo adolescente na revista *Capricho* e refletir acerca dos sentidos que provocam**. Desta forma, podemos pensar os modos pelos quais as práticas corporais se apresentam e se articulam nas páginas da *Capricho*, produzindo e educando os corpos femininos adolescentes. Com isso, pretendo acessar os significados e as representações que constituem o universo *Capricho*: as práticas, os sentimentos, os sentidos e as relações com o corpo, a partir de sua linguagem textual e não textual.

2 TÁ LIGADA

A Anorexia Nervosa corresponde a uma nova classificação patológica descrita pela medicina moderna. Entretanto, a prática de jejuar faz parte da história das sociedades. Desta forma, podemos nos questionar se a Anorexia Nervosa é realmente uma doença contemporânea, resultado das pressões sociais atuais, ou se representa uma forma mais profunda de auto-expressão praticada por indivíduos de outras épocas e culturas. (GALVÃO; CLAUDINO; BORGES, 2006). Durante a Idade Média, as práticas de jejum foram compreendidas como estados de possessão demoníaca ou milagres divinos. Existem relatos referentes a comportamentos anoréxicos realizados por santas, entre os séculos XIII e XVII, provavelmente em resposta à estrutura social patriarcal a que estavam submetidas, e conhecidos como “anorexia sagrada”. O primeiro relato médico de Anorexia Nervosa ocorreu em 1689, quando o autor relaciona processos mentais e físicos e ressalta o papel patogênico das emoções. Vários relatos médicos foram sendo descritos na literatura desde então. Entretanto, é na segunda metade do século XIX que a Anorexia Nervosa emerge como uma entidade clínica independente, com sintomatologia e patogenia distintas. Com o passar do tempo seu conceito foi mudando e, enfim, na década de 70 surgem critérios padronizados para o diagnóstico de Anorexia Nervosa com base nos distúrbios psicobiológicos e psicopatológicos. De modo geral, os critérios ressaltaram a perda considerável de peso, a preocupação mórbida com o risco de engordar, alterações na percepção corporal e disfunções endócrinas como a amenorréia. Esses aspectos são concebidos como diagnóstico de Anorexia Nervosa pelos atuais sistemas classificatórios (CORDÁS; CLAUDINO, 2002).

Existem estudos que vêm demonstrando um aumento da incidência dos transtornos alimentares nas sociedades industrializadas do Ocidente. A Anorexia Nervosa tem uma taxa de incidência maior em mulheres na faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade (NUNES, 2006). A maioria dos casos desse transtorno alimentar ocorre, então, em jovens do sexo feminino. No estudo em questão, daremos ênfase a adolescentes, pois estes compõem a maioria dos leitores da revista *Capricho*. Por definição da Organização Mundial da Saúde (2004), adolescente é o indivíduo que se encontra entre 10 e 19 anos de idade. A adolescência é um processo social que permite pensar a constituição de nossas identidades sociais, nossos controles e transgressões. Além disso, a adolescência não existe em si, mas pode ser lida através das relações culturais e sociais em que é gerada (SOARES, 2000). Tomada como um designativo do período de transição entre a infância e a idade adulta, a adolescência é um fenômeno

inaugurado pela Modernidade sob condições específicas de cultura e de história, fora das quais ela não ocorreria (ARIÈS, 1986).

Atualmente, muitas mulheres fazem dieta e não estão satisfeitas com o seu peso, mesmo que este esteja dentro dos valores clinicamente normais. Há evidências de que essa conduta inicia-se cada vez mais cedo, inclusive em pré-púberes e crianças. O impacto do padrão de beleza, socialmente imposto, no comportamento da nossa população revela-se no desejo generalizado, principalmente entre as mulheres, de um corpo mais magro. Deste modo, a prática da dieta tem uma participação na patogênese da Anorexia Nervosa, embora nem todos os indivíduos que fazem dieta desenvolvem um transtorno alimentar (NUNES, 2006). Além disso, na sociedade moderna, a aparência corporal tem grande influência em nossas vidas. Determina, inclusive, a maneira como nos relacionamos, as oportunidades que temos socialmente, as reações e atitudes dos outros em relação a nós, bem como nossa vida afetiva e profissional (STENZEL, 2006).

Estudos recentes confirmam o descontentamento da população, principalmente feminina, com a aparência do corpo. Sem dúvida a influência da “cultura da aparência” influencia a construção do conceito que fazemos sobre nós mesmos. O imperativo do corpo magro e inatingível na cultura ocidental é um dos principais fatores que contribuem para essa insatisfação com a imagem corporal. Esta define-se por ser uma concepção interna e subjetiva sobre o corpo, e exerce grande impacto em nossas vidas. A autopercepção corporal, as atitudes, as crenças, as práticas, as representações, os sentimentos, as sensações e os comportamentos relativos ao corpo exercem importante influência no modo como nos vemos. Desta forma, a mulher que não corresponde a esse padrão estético sente-se inadequada e com vergonha do corpo que possui. A experiência de “sentir-se gorda” torna-se um sentimento compartilhado socialmente pelas mulheres (STENZEL, 2006).

A Anorexia pode ser vista como um padrão estético e corporal que se impõe e seduz, pois pertence ao mundo em que vivemos. É do nosso ambiente cultural que saltam, fascinantes e inquestionáveis, as possibilidades de ser. Assim, os desafios e os problemas que, aparentemente, acreditamos serem nossas questões mais pessoais, não são mais do que padrões genéricos e opressivos. Quando as adolescentes se tornam anoréxicas para adequarem-se a um determinado modelo corporal, elas já aceitaram a convocação do nosso mundo: metabolizaram esse padrão, transformando-o na sua própria vontade e meta (CRITELLI, 2006). Observo que dietas alimentares, exercícios físicos e cirurgias plásticas possuem um amplo espaço nos meios de comunicação, já que a mídia informa qual é o corpo socialmente aceito, o que vestir em cada corpo, o que fazer para estar na moda e assim ter

sucesso e a admiração de todos. A cultura contemporânea estabelece a ditadura da magreza como bela e necessária para que se obtenha um consentimento da sociedade e, portanto, um bom convívio entre as pessoas. É, pois, um padrão inventado e disseminado pela mídia.

Diante deste contexto, podemos afirmar que a mídia desempenha papel essencial na constituição da identidade moderna e na produção de conceitos e comportamentos. A cultura da mídia, neste caso a revista *Capricho*, apresenta imagens e figuras nas quais suas leitoras se reconhecem e imitam. Portanto, ela desempenha importante papel na cultura, uma vez que seus modelos valorizam certas formas de comportamento e modos de ser enquanto desvalorizam e denigrem outros tipos (KELLNER, 2001). A formação da identidade emerge do diálogo entre conceitos e significados que nos são representados pelos discursos de uma cultura e pelo nosso anseio por responder aos seus apelos, ao sermos interpelados por eles e investirmos nossas emoções nesses textos e imagens, para nos identificarmos (HALL, 1997). A adoração à juventude, onde se inclui a vergonha de ser velho e o orgulho de ser ou parecer jovem, é o espírito e o corpo da sociedade atual. O culto ao corpo jovem e belo é revelador de uma história que determina e conjura a feiúra e a velhice (SANT'ANNA, 1995).

Foucault aprofunda a questão de como o homem se fez objeto de saber centralizando o foco de investigação no poder. Assim, o autor descobriu uma sociedade de disciplinas, a qual exerce o controle detalhado dos corpos, que devem fazer-se dóceis e úteis. Era preciso que o poder circulasse por canais mais sutis, chegando até os indivíduos, seus corpos, seus gestos, suas atividades cotidianas. “Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só” (FOUCAULT, 1989, p.117). Assim, o autor afirma que a sociedade incorporou a técnica do “poder pastoral”, que consiste em criar e incentivar uma variedade de procedimentos, objetivando a salvação individual, sendo necessário uma preocupação permanente com cada indivíduo. Há que se produzir e reafirmar, constantemente, a verdade do próprio indivíduo. Classificado, julgado, exercitado, comparado, diferenciado, hierarquizado, homogeneizado, excluído – em suma, normalizado – o homem aprende a docilidade de um corpo que se reconhece vigia de si, e se esforça em tornar-se apto, produtivo, capaz, disposto a um aprisionamento jamais percebido como tal. Assim, podemos entender o sujeito sob duas óticas: a do sujeito constituído pela trama histórica e a do sujeito subjetivado por um conjunto de técnicas e procedimentos de controle e fragmentação dos indivíduos, os quais se tornam disponíveis por uma série de saberes que produzem efeitos de verdade. Essa subjetividade é concreta quando toma corpo nos gestos, na postura, no olhar, nos discursos. Foucault descreve o poder como uma estratégia que incita, promove e produz sujeitos, discursos, formas de vida através da transformação técnica dos

indivíduos. Essa transformação pode ocorrer através das regras, opiniões e conselhos, aos quais o indivíduo recorre para orientar sua prática cotidiana, e que formam um conjunto de “práticas de si”, descritas pelo autor, em direção a “uma arte da existência”. A prática de si é considerada uma questão de ordem prescritiva. Dessa forma, as ações dos sujeitos se harmonizam com as normas de determinada prescrição. Essa prática faz exercer o permanente aperfeiçoamento de si, que atinge toda a vida do sujeito: modo de dormir, de comer, de fazer amizades, casar ou procriar. Trata-se de voltar-se para si e encontrar a verdade, em nome de uma estilização da vida (FISCHER, 1996).

3 MÃO NA MASSA

O estudo é de natureza qualitativa, de abordagem exploratória, que se aproxima do campo dos Estudos Culturais, particularmente de sua versão pós-estruturalista no referencial foucaultiano, que considera a questão da cultura a partir da perspectiva pós-moderna. Esta definiu-se como uma multiplicidade de tendências em vários meios da cultura, colocando em suspeita as verdades da modernidade (KRUSE, 2004). Tal consideração não implica reduzir tudo à cultura, mas reconhecer que essa é uma das condições constitutivas de práticas sociais (HALL, 1997). A análise cultural se ocupa em observar significados e valores implícitos ou não em um determinado estilo de vida, em uma determinada cultura, em determinado grupo social. Ou seja, o projeto intelectual desse tipo de estudo é sempre marcado por um discurso de implicação social. Desta forma, é permitido tomar como cultura certos elementos de um modo de vida, tais como textos, imagens, conversas, condutas e estruturas narrativas que, segundo outras demarcações, jamais seriam apreciados como cultura. Assim, aqui a cultura é vista como algo que molda a vida social (COSTA, 2004; VEIGA-NETO, 2004). Portanto, se tornam essenciais as análises que tomam a cultura como um processo que produz identidade, sendo esse um dos marcos dos Estudos Culturais. Esse campo preocupa-se com as transformações provocadas pelas tecnologias da comunicação nos modos de vida (FROW; MORRIS, 2006).

Tomei como *Corpus de análise* a revista *Capricho*, a qual tem o foco nas adolescentes e é líder absoluta nesse segmento. De periodicidade quinzenal, a maioria de seus leitores são meninas de 10 a 19 anos de classe média, da região sudeste (ABRIL, 2006). A *Capricho* foi criada em 1952 e foi a primeira revista feminina do Brasil e da Editora Abril. No início seu foco era a fotonovela e histórias de amor em quadrinhos. Logo em seguida, passa a abordar temas como moda, beleza e comportamento. Esses assuntos passam a ser prioridade e, em 1982, a Revista deixa de publicar fotonovelas. A *Capricho* se autodefine como “a revista que entende e respeita a adolescente, faz a menina desenvolver uma opinião mostrando com clareza os assuntos do seu universo, além de informar e formar garotas de atitude” (CAPRILHO ABRIL, 2007). Suas seções são divididas em temas variados, como moda, beleza, corpo, sexo, garotos, astrologia, música e famosos. Analisei 21 revistas dos anos de 2005, 2006 e 2007 adquiridas em um sebo de Porto Alegre.

A coleta dos dados foi realizada através de leitura interessada dos exemplares da revista *Capricho* que compõem o corpus do estudo, observando os discursos acerca do corpo

adolescente que aí circulam. Foram analisadas variadas matérias das revistas, tais como entrevistas, reportagens, resultados de pesquisa, propagandas, imagens. Após selecionados, os discursos foram transcritos e estruturados através do programa NVivo 7, um sistema computacional de auxílio na análise de dados qualitativos.

A metodologia adotada para analisar os conteúdos das matérias da Revista foi a Análise do Discurso (AD) associada com o pós-estruturalismo, a qual define-se não pelo interesse nos detalhes dos textos falados e escritos, mas por olhar historicamente os discursos. Analisar discursos significa dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos, aqui considerados como constitutivos da realidade e produtores de inúmeros saberes, além de tomados como prática social e caracterizados como um conjunto de enunciados que se apóiam na mesma formação discursiva. Foucault (1989) afirma que a formação discursiva deve ser compreendida como um sistema de dispersão regulado. Engloba o que é dito e o que pode ser dito em um contexto, além do lugar que as pessoas assumem no discurso (SCHWENGBER, 2006). É definida por caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. Essas formações servem para classificar, fazer surgir diferenças e semelhanças, para visualizar certa ordem. Em cada formação, os enunciados são dispostos de certa forma e utilizados conforme o campo de saber. Eles funcionam e têm efeito como uma prática discursiva que é prestigiada, geralmente, pelo fato de produzir verdade. Assim, atualmente, existe uma sofisticada rede midiática que exerce influência direta na vida da sociedade, pois detém o direito de falar com autoridade sobre determinados assuntos, através de instituições e sujeitos vistos como detentores de poder, os “experts”. O objeto, a circunstância e o direito do sujeito que fala formam uma complexa rede discursiva. Decorrente disso, a mídia investe no discurso do aperfeiçoamento do corpo, produzindo saberes e formas de comunicar e produzir sujeitos. Para Foucault, não interessa a verdade ou a falsidade dos discursos, a questão é a da produção do saber. Analisar as formações discursivas significa localizar os objetos de saber que surgem em seu acontecimento e mostrar quais transformações esses objetos sofrem (ARAÚJO, 2006/2007). Uma análise é um estudo que se esforça para encontrar a partir de que conhecimentos e teorias se tornaram possíveis, segundo que espaço de ordem se constitui o saber (FOUCAULT, 1966).

Portanto, pretendo interrogar a linguagem – o que foi dito – sem a intenção de procurar referentes ou de fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos. Não se trata de realizar uma crítica aos meios de comunicação, extraíndo o não dito. Trata-se de mapear os “ditos” sobre o corpo adolescente, multiplicando as relações aí sugeridas. Ao

invés de buscar explicações lineares de causa e efeito ou interpretações ideológicas simplistas, aceitar que a realidade se caracteriza por ser belicosa, atravessada por lutas em torno da imposição de sentidos. Multiplicar relações significa situar as “coisas ditas” em campos discursivos, extrair delas alguns enunciados e colocá-los em relação a outros. É operar sobre os documentos, desde seu interior, ordenando e identificando elementos, construindo unidades arquitetônicas, fazendo-os verdadeiros “monumentos” (FISCHER, 2001).

Gill (2002) sugere alguns passos facilitadores na prática da análise de discurso, os quais foram seguidos: escolha dos textos a serem analisados; fazer uma leitura cética e interrogar o texto, questionando nossos próprios pressupostos e as maneiras como nós habitualmente damos sentido às coisas; codificar, tão inclusivamente quanto possível; analisar, examinando regularidade e variabilidade nos dados, criando hipóteses tentativas; descrição dos achados. Ressalto a importância de considerar a análise dos escritos culturais como maneiras de expor mecanismos de subordinação, governo e exclusão, os quais produzem efeitos cruéis no campo político do mundo social (COSTA, 2004).

Um enunciado comporta uma dimensão dizível e outra visível. Assim, nesse estudo, foi possível identificar os enunciados nessas duas dimensões. Utilizei as imagens no sentido de melhor mapear o movimento da subjetivação do corpo ideal no contexto da *Capricho*. Dessa forma, analisei as imagens que freqüentemente integram as páginas da Revista não como peças ilustrativas, mas como prática discursiva, procurando explorar seu caráter interpelativo (SCHWENGBER, 2006).

Assim, através da investigação dos discursos, defrontando-nos com nossa história, poderemos aceitar refletir de outra maneira o que agora nos é tão evidente, numa perspectiva de transformação de nós mesmos (FISCHER, 2001).

Como questões éticas, foram respeitadas as normas de autoria, sendo que todas as obras utilizadas têm seus autores citados e referenciados.

4 ALGUÉM ME EXPLICA

Foucault (1983) conta que houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontramos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil. O autor afirma que a sociedade moderna é marcada pelo investimento nos corpos. É a primeira vez que tanto o corpo individual quanto o corpo coletivo – a população – ingressam no registro da política: a vida, o corpo e a saúde passam a entrar no espaço de intervenções, de regulação e de controle. Schwengber (2006) descreve as revistas como documentos que concorrem para as mudanças de uma renovada formulação do corpo, atravessadas por prescrições decorrentes de uma determinada forma de aplicabilidade das biotecnologias e das ciências. Elas oferecem informações detalhadas e úteis para as adolescentes lidarem com o corpo em transformação, sendo, desta forma, um lugar que proporciona refúgio. Além disso, em muitas dessas informações, são mencionados profissionais que têm conhecimento sobre determinado assunto. Para Foucault (1999), existem sujeitos que têm a permissão de falar sobre determinados assuntos, denominados “experts”. O autor afirma que:

Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. [...] O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso — a psicanálise mostrou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objecto do desejo; e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorearnos. (p.2)

Além disso, o discurso tem um suporte histórico, institucional, uma materialidade que permite ou proíbe sua realização. O sujeito do discurso é aquele que pode usar determinado enunciado em função da ocupação de um lugar institucional. O enunciado pode ser usado conforme um interesse, uma prática (ARAÚJO, 2006/2007). Em relação à revista *Capricho*, observo que ela aborda diversos assuntos, mas o tema “corpo” é explorado em todas as edições. A Revista vai construindo uma rede discursiva que aciona discursos sobre o corpo, interpelando suas leitoras.

Atualmente, vivemos numa época em que se fala massivamente do “culto ao corpo”. O processo constituinte do corpo belo revela uma história paralela, que exalta técnicas de

(es)culturamento do corpo e conjura a feiúra. Lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos temores e fantasmas culturais, o corpo é uma realidade multifacetada, um artefato histórico. Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não pára de ser (re)fabricado ao longo do tempo. (SANT'ANNA, 1995).

Dessa forma, modelos, atrizes, garotas-propagandas e garotas-comuns altas, magras, com cabelo comprido e loiro, pele de textura suave, unhas bem feitas e roupas da moda compõem o cenário da revista *Capricho*. Estas imagens são apregoadas a todo instante através desse instrumento midiático. Como exemplo, cito a seção **Moda**, da Revista, onde uma questão interpela as leitoras: “*O que uma garota tem que ter para chegar a top?*”. As respostas que se seguem são:

Ser magra: O teste da fita métrica é cruel e tira muitas garotas lindas da disputa para ser top. A cintura de uma top, por exemplo, tem que ter entre 59 e 62 cm. O limite para o quadril é 90 cm. Passou disso, as chances de chegar a top começam a diminuir.
 Rosto do momento: Não dá para ser Gisele [Bündchen] se o mundo fashion quer uma garota andrógina.
 Oito centímetros: Não é exatamente a lógica quanto-mais-alta-melhor que rege o mundo das modelos. Top que se preza tem entre 1,74 m e 1,82 m de altura – ou seja, a natureza tem um alvo de 8 centímetros para lhe dar aquela forcinha genética. (GUEIROS, 2006, p.71).

Deste modo, aos corpos é imposto uma forma, determinado peso e altura compondo um disciplinamento tal que produz um grupo de mulheres, as tops, como se fossem todas iguais. Foucault (1983) chama de disciplinas métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam sua sujeição constante e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

Em outro exemplar, Carol Trentini, uma das tops que impera atualmente no mundo da moda, figura na capa da *Capricho*. Na matéria, é dito que:

O rosto de uma garotinha ingênua e um pouco estranha é o que a alta moda elegeu para o momento (FONTES, 2006a, p.39).

A imagem seduz através do desejo que desperta nas pessoas de mimetizar artistas famosos e bem-sucedidos (SERRA, dos SANTOS, 2003). Sant'Anna (1995) afirma que, indagando sobre as razões da constituição do corpo, nos deparamos com alguns sonhos que participam das estratégias de modelizá-lo:

Em cada temporada de moda há um bombardeio de rostos novos. [...] Hoje, seios fartos e bocas carnudas não pegam mais. A beleza do momento é um mix de ingenuidade, pureza e estranheza. [...] rosto como o de uma garotinha: formato ovalado, testa grande e olhos amendoados e enormes. O nariz, pequeno e arredondado, a pele alva e os lábios rosa (FONTES, 2006a, p.39).

E assim as leitoras vão se constituindo por esses discursos que versam sobre o sucesso, sobre o sonho adolescente de querer ser modelo. E por falar em moda, o corpo deve ser ideal, vestido com uma roupa que deve ser perfeita para esse corpo:

[...] para usar calças skinny (aquelas justinhas, típicas dos roqueiros) não podem abusar na balança. Assim como nós (BITTENCOURT, 2006, p.69).

Ninguém leva a moda praia tão a sério como nós. Por isso, gata, é hora de botar o ‘corpíto’ à mostra e ficar por dentro de todos os modelitos que bombarão nas praias e nos clubes (LOSSO, 2007, p.31).

Em um informe publicitário, encontro os seguintes dizeres:

Festinhas, paqueras, ficar, balança. Tem uma coisa aqui que não combina com a sua idade. A famosa Dieta dos Pontos em versão especial para quem tem de 7 a 18 anos. [...] Como aumentar a auto-estima, se defender de piadas sem graça, lidar com a família e muito mais (ABRIL, 2006a, p.81).

Esse discurso é reforçado pela reportagem “*Diário de uma loira*”, em que são mostrados os efeitos gerados em meninas que pintaram seus cabelos de loiro:

Desde que perdeu a mãe, há 4 anos, a Bárbara andava desmotivada, achando a vida meio sem graça. Depois da transformação, passou a se sentir mais confiante e muito mais bonita. “Fiquei com vontade de fazer coisas que tinha deixado de lado, de levar meus planos adiante”, diz (BRAGA, 2006a, p.78).

Em seguida, há a explicação de uma psicóloga, uma “expert” ouvida pela Revista, enfatizando que mudanças funcionam mesmo, legitimando essa fala. Deste modo, a revista *Capricho* veicula a idéia de que para que a vida “tenha graça” é preciso fazer coisas, transformar o corpo, pintar os cabelos, ter determinadas medidas. E, principalmente ser bonita, o que significa ter o rosto da moda, pois, segundo *Capricho*, beleza também tem sua importância na vida profissional:

[...] sim, beleza importa. Há algum tempo, essa era só uma intuição. Mas depois de meses sentados em mesinhas da padaria, de câmeras escondidas em consultórios médicos (outro lugar onde as bonitas são melhor tratadas que as feias) e de entrevistas com todo tipo de gente, os cientistas provaram coisas tão exatas quanto: as bonitas têm salários até 5% maiores que as feias, com o mesmo cargo (SOALHEIRO, 2006, p.103).

Tal discurso é apoiado por Ribeiro (2007), que analisou o Caderno Vida, encarte publicado no jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul. A autora destaca que o jornal aciona uma série de motivos para que todos tenham o corpo ideal: ser bem sucedido, ser admirado, prevenir doenças, ter uma companhia e uma vida sexual repleta de prazer e satisfação, além de ganhar mais dinheiro na vida profissional.

Ressalto a diferença de enfoque dado entre os dois meios de comunicação: cada um interpela o seu público expondo razões para se ter um corpo de determinado modo. Enquanto o Jornal, voltado para o público adulto, enfoca as questões profissionais e de saúde, a Revista, voltada para adolescentes, justifica ter um corpo belo para ter sucesso nos relacionamentos, principalmente amorosos. Em diversas reportagens da *Capricho*, a beleza é associada à conquista do sexo oposto. Exemplifico através deste excerto:

[...] pesquisas realizadas em várias partes do mundo concluem que garotos acham sexy numa mulher: pernas e seios bonitos, firmeza muscular [...] (SEMERENE, 2006, p.90).

Nesse caso, além de justificar a importância de ter um corpo belo para agradar os meninos, a Revista mostra que constatação é tida como “verdadeira”, já que instituições ditas “renomadas” estão afirmando-a.

Os informes publicitários exibidos pela *Capricho* corroboram o discurso do corpo magro:

Dieta: erros e acertos;
 Tem cilada no couvert! A gente consome até 600 calorias sem perceber;
 “Como pouco e não emagreço” – Descubra onde está o erro;
 Corpão de carioca – Truques + treino da pesada para esculpir bumbum e coxas;
 CLA: essa pílula queima gordura mesmo?;
 Juliana Paes conta como venceu o efeito sanfona (ABRIL, 2006b, p.74).

Para baixar de peso é preciso diminuir ou queimar as calorias ingeridas, pois as que sobram viram gordura (ABRIL, 2006c, p.69).

Um bom corte pode mudar sua vida... Detalhes fazem toda diferença. Um pequeno cuidado pode fazer muito por você, como, por exemplo, conquistar aquele gatinho que você está de olho faz tempo (WIZARD, 2007, p.13).

Fondues, torta de maçã e 3 kg a menos: é possível!;
 Fique mais magra no inverno;
 Carboxiterapia: adeus, celulite;
 7 jeans (lindos) que acertam seu corpo;
 Queime 600 calorias brincando – Dança de salão diverte, emagrece e provoca paixões (ABRIL, 2006d, p.49).

As imagens das mulheres que a Revista divulga podem ser consideradas como um objetivo de corpo ideal a ser alcançado para suas leitoras. A figura abaixo exemplifica esse corpo, que, para ser aceito socialmente, deve ser magro, longilíneo, esbelto, para que se possa seduzir, atrair, relacionar-se. Além disso, a imagem destaca os dizeres “*Forever Young*” (“sempre jovem”, trad. minha), revelando nossa história, que “redefine e conjura, sem cessar, a ociosidade, a doença, a feiúra e a velhice” (SANT’ANNA, 1995, p.13).

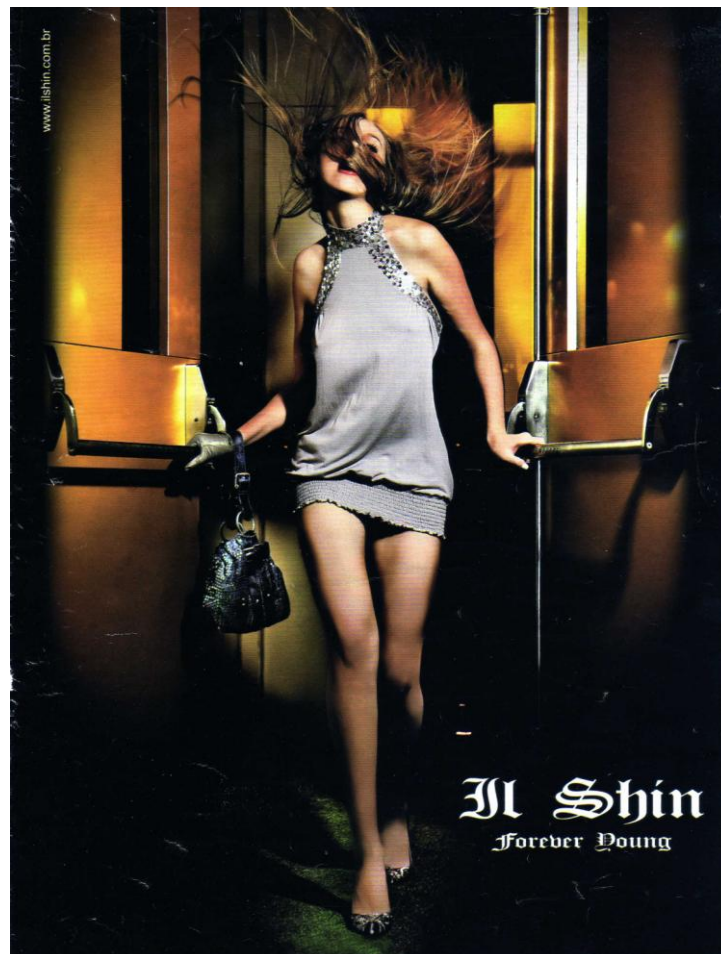


FIGURA 1 – Il Shin: Forever Young
 Fonte: IL SHIN, 2007, p.41.

Atualmente observamos uma proliferação inédita das imagens corporais produzidas pela modernidade tecnocientífica. Essa multiplicidade de imagens aparece incessantemente na mídia, onde reinam as “superfícies lisas, fragmentadas, peles de luz ou de papel” (SANT’ANNA, 1995, p.18). Nesse sentido, as estratégias publicitárias transformam-se na forma mais comum de produzir cultura em nossos tempos. Um certo tipo de corpo é definido por esse processo, invadindo campos como o da moda e da saúde. Assim, a Revista expõe que, para ter o corpo ideal, é necessário haver um investimento constante e detalhado. Assim, as regras instituídas pela *Capricho* atingem a transformação do corpo em minúcias. Para Foucault (1983), essas técnicas minuciosas definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo. Trata-se de trabalhar o corpo detalhadamente, de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de cuidar dos seus movimentos, gestos, atitudes: “poder infinitesimal sobre o corpo ativo” (p.126). A disciplina é, afinal, uma anatomia política do detalhe. E a Revista, sendo uma instituição disciplinar, ao aplicar técnicas minuciosas, define um certo tipo de investimento político e detalhado do corpo, surgindo, assim, uma nova “microfísica” do poder (idem).

5 CORPO IDEAL / CORPO ANORÉXICO

Observando todas essas coisas ditas para a menina, observa-se uma constante: todos os discursos estão associados a um ideal de corpo associado à magreza. A *Capricho* estampa isso tanto em suas imagens quanto em suas matérias e informes publicitários. Uma capa da Revista mostra um desenho de uma menina na forca, com a manchete: “*Anorexia – Você pode viver sem ela*” (CABRAL, 2006, p.1). A reportagem de capa é intitulada desta forma: “*Game Over – O jogo diabólico da anorexia*” (BESSA, 2006, p.96). Percebemos o quão contra a Anorexia Nervosa a *Capricho* é. Essa bandeira anti-anorexia também é levantada em outros números da Revista, reforçando que o importante é “*enxergar a beleza que existe em você*” e que “*o legal é a diversidade*” (DUPRAT, 2006, p.104). Mas a maioria de seus enunciados não é bem esse. Nessa mesma matéria sobre Anorexia Nervosa, a *Capricho* dá “dicas” de “*como reconhecer o problema*”. Alerta para a leitora ficar “*esperta*” se uma amiga:

- Sabe de cor as calorias e só fala de dieta;
- Adora cozinhar e vive insistindo para que os outros comam, mas ela não prova nenhum pedaço;
- Coleciona dietas;
- Foge de programas que incluam comida;
- Na hora do almoço, sempre dá um jeito de escapar;
- Quando come, tem estranhos rituais: pica tudo em pedacinhos, divide os alimentos em pequenas porções, come bem devagar;
- Emagreceu muito e mesmo assim se acha obesa;
- Começa a se afastar dos amigos, achando que todo mundo a acha feia e gorda;
- Tem um cachorro acima do peso (que traça tudo o que ela não come);
- Olha todos os rótulos e não deixa comida calóricas entrarem em casa;
- É viciada em malhação, nunca usa um elevador, gosta de fazer tudo a pé;
- Evita trocar de roupa na frente dos outros;
- Sente muito frio;
- Parou de menstruar;
- Usa roupas para disfarçar o corpo (BESSA, 2006, p.99).

Durante minhas análises, percebi que a *Capricho* mostra um corpo perfeito que deve ser seguido. Para isso, faz prescrições de como ter esse corpo, e muitas correspondem exatamente a essas “*atitudes anoréxicas*” que ela mesma divulga. Dessa forma, a Revista aciona tais atitudes em suas leitoras, que experienciam a insatisfação com o corpo. Conseqüentemente, analiso os discursos da *Capricho* como contraditórios, incoerentes e precários. Tal paradoxo convoca a presença do inesperado em cada tentativa de controle e

manipulação do corpo. Seria impossível, portanto, apreendê-lo de uma vez por todas. Seu conhecimento é interminável tanto quanto são diversificadas as bases culturais que o constituem e o transformam (SANT'ANNA, 1995). Fischer (2006) afirma que o complexo de beleza magra produz formas patológicas de subjetividade, pois observamos muita semelhança na forma de experienciar o corpo entre pessoas tidas como anoréxicas, em relação a outras assim não diagnosticadas. Observamos muitas adolescentes insatisfeitas com seus corpos, superestimando seu peso e com medo intenso de engordar. E a mídia participa fortemente dessa situação, quando subjetiva seu público através dos ideais de corpo perfeito e das prescrições de como ter esse corpo, provocando um desejo de emagrecimento que é culturalmente reforçado nos dias de hoje. O modo como a *Capricho* influencia a imagem corporal de suas leitoras poderá nos dar uma idéia do processo de desenvolvimento e manutenção dessa condição. Esse espaço midiático que a *Capricho* ocupa torna possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. O domínio, a consciência do corpo só pôde ser alcançado pelo efeito do investimento do corpo pelo poder (nesse caso, a mídia): “a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo” (FOUCAULT, 1989, p.81)

Trata-se do esquadramento do corpo. Um corpo que é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes, o qual “implica numa coerção ininterrupta que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadra ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos” (FOUCAULT, 1983, p.126). Essas técnicas que permitem o controle detalhado das operações do corpo, que realizam a sujeição permanente de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que Foucault chama de “disciplinas”. Estas visam à formação de uma relação que torna o corpo humano tanto obediente quanto útil, constituindo uma política de coerções que trabalham sobre o corpo, “uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos”. Essa política passa a ter domínio sobre o corpo dos outros, para que operem como se quer, através das técnicas. A disciplina, arte das técnicas para a transformação, tem por alvo os indivíduos em sua singularidade. E o poder de individualização tem como instrumento a vigilância permanente, classificatória, permitindo distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Desta forma, “a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1983, p. 127).

Assim, abordaremos o investimento do corpo, pela revista *Capricho*, através das técnicas permanentes para a transformação do corpo – dietas, exercícios físicos e moda – em uma perfeição de sua imagem. Dessa forma, a partir do “*check-list*” dos “sintomas anoréxicos” criado pela *Capricho*, criamos as seguintes categorias: Colecionando dietas, Viciada em malhação e Roupas para disfarçar o corpo.

Colecionando dietas

A grande maioria dos discursos selecionados do corpus que compõe esse estudo é relacionada à dieta alimentar. Em 2006, *Capricho* lança uma edição especial “Guia de Dietas”, e justifica a publicação desse guia:

Por que a *Capricho*, que sempre levantou a bandeira da anti-anorexia, resolveu publicar um livro sobre dietas? Para atender o desejo de milhares de leitoras que querem emagrecer e não sabem onde se informar. O resultado é uma reportagem incrível, feita com a ajuda de profissionais especializados em adolescência. Ah! Para ajudar sua dieta, consulte a calculadora de calorias do site (GUIA..., 2006, p.92).

A Revista, de antemão, relaciona dietas com Anorexia. Se livra da responsabilidade de estar ensinando suas leitoras a emagrecer, pois está apenas atendendo um desejo das suas “*milhares de leitoras*” (idem). Entretanto, ao mesmo tempo em que diz que não prega o emagrecimento, *Capricho* considera engordar um problema. Na reportagem intitulada “*Intercâmbio sem problemas*”, a Revista ensina “*como se prevenir dos 7 perrengues mais comuns na vida de um intercambista*”. “Engordar” é o primeiro da lista:

Faça uma dieta mais leve nos meses antes de ir – assim, você chega com alguma folga para experimentar as novidades. (FARIA, 2007, p.56).

Capricho indica que se faça uma dieta para prevenir o ganho de peso na viagem. Além disso, alerta para os “perigos” de uma dieta mal feita, como “*atacar a geladeira supercalórica*” (idem) e “*chegar ao almoço morta de fome*” (BESSA, 2007, p.71). Outra reportagem sobre intercâmbio sugere que a menina monte “*um cardápio novo se aventurando nas seções de produtos orgânicos e naturebas*” (BARROS, 2006, p.112). O importante, para a *Capricho*, é que se faça uma “*dieta que faça os quilos extras sumirem e não voltarem mais*”

(BESSA, 2007, p.68). Ou seja, eliminar o seu “problema” para sempre. Dessa forma, a Revista produz uma orientação linear, didática e explícita às meninas adolescentes, de como se conduzirem na vida diária, nesse caso, em relação à alimentação. Esse ideal de “tornar-se magro” conduz para o mundo interno dos sujeitos um valor que se cria e desenvolve como efeito da modernidade. Assim, produz-se entre as leitoras um sentimento de humilhação, de desprezo por si mesmas, de insatisfação com o corpo. Como punição, a vergonha de si. Após identificada a “imperfeição”, corrige-se o desvio sujeitando-se à busca da imagem ideal, através da dieta e do exercício, esse último a ser explorado adiante (FISCHER, 1996). Temos então um discurso contraditório e precário. Enquanto a Revista afirma que ter conhecimento sobre calorias, falar muito de dieta, colecionar dietas e evitar comidas calóricas são sintomas de transtorno alimentar, ela é recheada de prescrições de como emagrecer através de dietas alimentares. Na mesma edição em que *Capricho* dá dicas de como reconhecer sintomas anoréxicos, a Revista conta a trajetória da doença em uma menina de 15 anos. Diz que tudo começou quando a adolescente resolveu que queria perder 2 quilos porque, dessa forma, “*poderia comer tudo que quisesse por um tempo, sem dor na consciência*” (BESSA, 2006, p.96). Analiso que a jovem poderia estar, na verdade, seguindo um dos conselhos da *Capricho*, quando esta prescreve que a leitora faça uma dieta antes do intercâmbio, para chegar com uma “*folga*” e experimentar as novidades culinárias do local (FARIA, 2007, p.56). Porém, *Capricho* alerta para reconhecer o perigo da anorexia antes de entrar nela:

Esta matéria é pra você [...] entender que nem sempre é possível ter controle total sobre seu corpo. Ver que você está bem assim e pensar: será que vale mesmo a pena perder mais 2 quilos? (BESSA, 2006, p.100).

Pelo que a *Capricho* ilustra em suas páginas, vale! Um informe publicitário exalta: “*Fondues, torta de maçã e 3 kg a menos: é possível!*” (ABRIL, 2006d, p.49). Outra propaganda diz:

Para baixar de peso é preciso diminuir ou queimar as calorias ingeridas, pois as que sobram viram gordura. Mudar dá trabalho, mas as conquistas compensam os esforços. (ABRIL, 2006c, p.69, grifo meu).

Mais uma vez, o que vemos é um discurso contraditório nessa revista, lida por tantas meninas que devem se perguntar: vale a pena ou não emagrecer mais 2 quilos? Após tantas matérias sobre dietas e corpo perfeito, provavelmente elas serão convencidas de que vale. E

por falar em corpo, nessa mesma matéria sobre a trajetória da menina com Anorexia Nervosa (BESSA, 2006, p.98), *Capricho* mostra as fotos de uma trajetória apontada como patológica. Observamos a imagem da garota, muito magra, com 15 anos, 1,67m e 40 quilos (10 perdidos em apenas um mês). *Capricho* comenta que a família não tinha percebido o princípio da doença. Comparando com as imagens de modelos que a Revista exibe, num tom glamuroso, um verdadeiro “exemplo” a ser copiado por suas leitoras, percebemos que ambas são realmente muito parecidas:



FIGURA 2 – Game over: o jogo diabólico da anorexia
Fonte: O TRISTE..., 2006, p.98.



FIGURA 3 – Verão à mostra
Fonte: MADEIRA, 2007, p.31.

Assim, podemos entender que, para a *Capricho*, um corpo bonito, que combina com as roupas da moda, que atrai, que seduz, é, na realidade, um corpo anoréxico.

Além disso, dieta é algo que deve ser seguido à risca segundo a Revista. Uma de suas propagandas diz:

[...] a Boa Forma mostra como se livrar das 5 ‘desculpas’ que a gente usa para boicotar a dieta (ABRIL, 2006b, p.74).

Seguindo o mesmo discurso, outro informe publicitário afirma:

Dizer que produtos light amargam não é mais desculpa para deixar de comê-los. Hoje, muitas coisas gostosas podem ser comidas quase sem restrição, como as gelatinas diet (ABRIL, 2006e, p.39).

Percebo que a leitora é vista pela Revista como alguém que é responsável pela forma do seu corpo e que, por isso, deve seguir as normas para se ter um corpo magro. Comparo essa mensagem que a Revista passa com o trabalho de Schwengber (2006), que analisou os discursos sobre corpos grávidos na revista *Pais e Filhos*. A autora afirma que os saberes midiáticos colocam o corpo em destaque, regulam e controlam a intimidade das mulheres, orientando as suas condutas, porém, ao mesmo tempo, as deixam com um sentimento de autonomia, questionando-se: seriam elas donas de si? Foucault (1989) afirma que o que ocorre hoje é um controle dos sujeitos através das técnicas de si, e a partir do seu argumento podemos pensar que o discurso das práticas de emagrecimento participa também de um controle contemporâneo dos corpos adolescentes. Na *Capricho*, a adolescente é a investida de uma missão produtiva de governar e administrar o seu corpo a fim de que seja esbelto, magro, longilíneo. Pensando nas formas de “configuração de controle” de Foucault, podemos considerar que o discurso da *Capricho* se processa na suavidade do autocontrole das práticas alimentares (SCHWENGBER, 2006).

Viciada em malhação

Segundo Foucault (1983), a consciência do próprio corpo só pôde ser adquirida pelo investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a exaltação do belo corpo. Tudo isso conduz ao desejo de um ideal de corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerce sobre o corpo. Nesse sentido, a mídia opera através do esquadrinha do corpo.

Um dos “sintomas” que a *Capricho* alerta como sinal de Anorexia Nervosa é a prática excessiva de exercício físico. Entretanto, além de prescrever dietas alimentares, ela mostra como “(es)culturar” o corpo através dessas práticas corporais.

Hora de morfar! A Flávia odeia suas pernas grossas. A Vanessa detesta suas pernas finas. O que parece bobagem para os outros pode fazer a nossa vida virar um inferno: “Não uso saia, não uso biquíni, odeio *short*” e assim vai. Montamos um plano de ginástica que vai acabar com o seu problema. A série é a mesma para quem quer engrossar e para quem quer afinar as pernas – o jeito de fazer é que vai determinar o resultado localizado. A hora de se transformar e ganhar as pernas dos seus sonhos é esta! (BESSA, 2005, p.44).

Esse discurso mostra o incentivo da Revista em relação à transformação do corpo para se atingir o modelo ideal. Na *Capricho*, as pernas não devem ser grossas, mas também não tão finas. Assim, ela oferece a solução, que seria o programa de ginástica. Em seguida, ensina como o exercício deve ser feito tanto para quem quer engrossar as pernas quanto para quem quer afiná-las. Explica, inclusive, o processo fisiológico por que passa o corpo durante os treinos e seus possíveis resultados. Dessa forma, a Revista aciona a ciência para confirmar suas prescrições. Essas práticas entram em conformidade com Goellner (2000) que, analisando as imagens femininas na revista *Educação Physica*, afirma que esta incentiva as mulheres a modificar seus hábitos e atitudes recomendando, entre outras prescrições, a prática de exercícios físicos. Desta forma, “para ser bela, há que fazer exercício físico, pois beleza exige movimento” (p.84), ou seja, um corpo em movimento. Além disso, nota-se o uso da gíria “morfar” no excerto acima, que significa “transformar”, indicando que o seu público é adolescente, mostrando que fala com ele e para ele. O uso de gírias aproxima revista e público (FISCHER, 2006). Conseqüentemente, a leitora se identifica com o discurso da *Capricho*, sendo interpelada por este.

Um trecho das frases que compõem o *check-list* dos sinais a serem reconhecidos em alguém que possa estar sofrendo transtorno alimentar é: “[...] *nunca usa um elevador, gosta de fazer tudo a pé*” (BESSA, 2006, p.99). No entanto, na matéria denominada “*Intercâmbio sem problemas*”, em que afirma que engordar é um dos “*problemas*” que o intercambista deve enfrentar, *Capricho* indica:

O que fazer quando estiver lá: aproveite para ir para a escola a pé ou de bicicleta. Fazer exercícios queima gordura e ainda libera endorfinas, que te deixam mais feliz, evitando o principal motivo da engorda entre intercambistas: descontentar a saudade na comida (FARIA, 2007, p.56).

Observamos, novamente, um discurso incoerente. Enquanto “*fazer tudo a pé*” é sinônimo de perigo, pois é considerado pela Revista um indício de anorexia, ela mesma se contradiz prescrevendo que sua leitora procure se deslocar preferentemente a pé, pois, além de emagrecer, melhora a auto-estima, evitando que ela coma muito. Nas mensagens da Revista, a prática do exercício físico é mais estimulada na direção de manter um corpo magro do que para cultivar um estilo de vida saudável, o que, aliás, é muito pouco referido em suas matérias, talvez porque pouco valorizado pelas adolescentes/leitoras.

Percebo que o discurso da dieta alimentar é muito mais reiterado que a do exercício físico, por isso, freqüentemente, *Capricho* relaciona essas duas práticas. Exemplifico essa idéia com a matéria “*Lanche sarado: acerte o cardápio da malhação*”:

O que você come faz a maior diferença no seu desempenho durante os exercícios e nos efeitos que a ginástica vai produzir no seu corpo. Por isso vale fazer um lanche nutritivo antes e depois de ir para a academia. Antes, você só precisa se ligar em ingerir alimentos ricos em carboidratos; depois, deve consumir proteínas. O que muda é a quantidade. “Pela manhã, em jejum, dá para consumir mais pães, bolachas e frutas. Se for à tarde, pouco depois do almoço, tem que manejar”, explica a nutricionista Cibele Crispim, da RG Nutri (BRAGA, 2006b, p.79).

Ou seja, para que o exercício físico dê certo, é necessário também realizar uma alimentação que favoreça a transformação do corpo em uma forma perfeita. Assim, a Revista prescreve os alimentos que devem ser ingeridos para que tal mudança ocorra. Esse discurso é reforçado por uma nutricionista, outra “expert” no assunto, que detém o poder de estabelecer “verdades” sobre o corpo humano.

Esse discurso é reforçado pelos informes publicitários, que também alertam para os alimentos que impedem a modelagem do corpo pela malhação, como vemos abaixo:

Está firme na academia e a barriga não seca? Diminua (ou zere por um tempo) doce, molho industrializado, fritura, sorvete, refrigerante, salgadinho, feijão, lentilha, ervilha, milho, carne vermelha, embutidos e enlatados. Vale a pena (ABRIL, 2006f, p.13).

Comparando com nosso *check-list*, presente na matéria sobre Anorexia Nervosa, temos mais uma incongruência. Nele, “*não deixar comidas calóricas entrarem em casa*” é um sinal da patologia alimentar. Porém, a própria Revista recomenda que o faça, caso contrário, o corpo não se tornará perfeito. Além disso, estimula essa prática, alegando que “vale a pena”. Ora, por todas as justificativas já explicitadas para se ter um corpo ideal, como ter sucesso nos relacionamentos e melhorar a auto-estima, como não valeria?

Foucault (1983), em abordagem sobre exercício, afirma que este é uma “técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes” (p.145) que dirige o comportamento para um estado final, permitindo uma caracterização do indivíduo, neste caso, a do sujeito magro. Assim, permite, de maneira contínua e coercitiva, um crescimento, uma observação, uma qualificação.

Capricho estimula que sua leitora aproveite as atividades de lazer para também exercitar o corpo. Na seção “*Corpo*”, a matéria “*Malhação de fevereiro*” indaga: “*Qual carnaval deixa o corpo mais em forma?*” (MALHAÇÃO..., 2006, p.68). Após, temos um quadro explicativo dos carnavais atrás do trio elétrico em Salvador, no frevo em Olinda, em sambódromos e em clubes, que fala sobre a duração de cada carnaval, a intensidade da dança e o tipo de percurso. Em uma propaganda aparece que “*atividade física também é indicada para fazer amigos*” (ABRIL, 2006f, p.13). Ou seja, o que vemos é que não há desculpa para que a leitora não realize práticas de emagrecimento, já que a Revista toma o exercício físico como forma de prazer. Tornar-se magro através dessas práticas, é, então, além de necessário pelos resultados positivos que acarretam, um deleite para quem o faz. Para Sant’anna (1995), as práticas de prazer nas quais o corpo é amplamente engajado pela sociedade de consumo implicam numa sofisticação dos mecanismos de alienação.

Através da seção “*Teste*”, as leitoras podem “conhecer-se” e comparar três modos distintos de ser: duas formas opostas, e uma equilibrada. No comentário às respostas, a Revista elogia o equilíbrio e mostra como as meninas podem transformar para “melhor” seu comportamento “errado”. No teste “*Você sabe se cuidar? Descubra se você dá a si mesma toda a atenção que merece*”, encontramos a pergunta:

Quando você percebe aqueles pneuzinhos aparecendo, qual a melhor atitude a ser tomada? (RIBEIRO, 2006, p.102).

Entre pensar em lipoaspiração e ter um cardápio mais light à mesa, fazer ginástica é tida como a opção “correta”. No fim da seção, nos resultados, parabeniza a leitora que sabe se cuidar, e dá conselhos às que não sabem. Importante ressaltar o quanto esses textos cumprem a função explícita de prescrever normas de conduta, que se definem fundamentalmente por recomendar o bom comportamento e o autocontrole (FISCHER, 2006). Existe uma imposição de obrigações, de um grau de precisão na decomposição dos gestos e dos movimentos, uma maneira de ajustar o corpo a imperativos temporais. O ato do exercício físico é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações. Para cada movimento há uma determinada direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo adentra no corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização no mínimo gesto. É a base de um gesto eficiente. O poder então se introduz, amarra corpo e objeto manipulador. Constitui um complexo corpo-máquina. A regulamentação imposta pelo poder é a construção da operação, aparecendo o modo de poder disciplinar, o qual tem uma função de síntese, de laço coercitivo com o aparelho de produção. Assim, através da técnica de sujeição da atividade física, um corpo comandado por movimentos é composto. Esse corpo fica suscetível a operações especificadas, a qual têm sua ordem, seu tempo, seus elementos constituintes. É um corpo do exercício, do treinamento útil, da manipulação (FOUCAULT, 1983).

Roupas para disfarçar o corpo

Capricho é uma revista que é bombardeada por imagens que expõem como deve ser o corpo perfeito e a influência da moda nesse corpo. Para a Revista, a moda é um importante artifício de disfarce do corpo fora do padrão de beleza. A seção “*Aposte ou encoste*” mostra fotos de garotas cujo modo de se vestir é comentado pela Revista, que o classifica como “certo” ou “errado”. Exemplifico com alguns dos comentários:

Quando a saia é muito curta, é legal cobrir a barriga para não ficar vulgar. Para as baixinhas, o look míni total preto e as tiras do sapato subindo pelas pernas achatam a silhueta (FARIA, 2006, p.78-79, grifo meu).

A bermuda, muito justa, engrossou e achatou as pernas (FONTES, 2006b, p.51, grifo meu).

A bota engrossou as pernas e deixou o look deselegante (FONTES, 2006c, p.61, grifo meu).

O jeans reto, o top preto e a plataforma disfarçaram o quadril, deixando silhueta longilínea (FONTES, 2006d, p.61, grifo meu).

Básica, mas com toque moderno. A calça pantalonada disfarça qualquer problema. O coturno subverteu o lado romântico do vestido de babados. Deu personalidade ao look. Se você é baixinha, use coturnos com mínis evasês e se tem perna grossa, use com meias escuras (GUARDIAN, 2006, p.62-63, grifo meu).

Ou seja, segundo a Revista, a menina deve alongar a silhueta, afinar as pernas e disfarçar a baixa estatura e o quadril para, assim, ter o corpo ideal. Lembra ainda que o visual não deve ser vulgar nem deselegante. Assim, além de prescrever métodos de emagrecimento, como dietas e exercícios físicos, *Capricho* prescreve também o tipo de roupa a ser adotada caso as gorduras ainda não tenham sido eliminadas. Ressalto que a grande maioria das garotas que acertaram no “look” já possui esse ideal de beleza: são magras, altas, com pernas finas.

Na mesma matéria em que a *Capricho* prescreve exercícios físicos para engrossar ou afinar as pernas, ela sugere peças de vestuário para disfarçá-la: “*meia-calça opaca escura, sapato da mesma cor da meia, salto plataforma, saia evasê, sandálias cor da pele, sandálias sem tiras no tornozelo e calça reta*” são elementos que compõe o visual da menina que quer disfarçar a perna grossa. “*Calças curtas ou com barra dobrada, tênis com meia soquete, polainas, meia arrastão de tramas largas, meias listradas, minissaia e sapatos sem salto*” devem ser usados pelas meninas que não querem mostrar suas pernas finas (BESSA, 2005, p.46-47). Como mostra a figura 4:



FIGURA 4 – Hora de morfar!
Fonte: ANDRÉS, 2005, p.45.

O corpo perfeito também deve vestir as tendências da moda. E se essa moda puder disfarçar alguma “imperfeição” corporal, melhor ainda. Em matéria sobre as calças leggings, *Capricho* diz: “*não adianta fugir, por onde quer que você vá, terá sempre um legging por perto*” (FONTES, 2006e, p.30). Após uma série de imagens de modelos magérrimas vestindo tal peça, a Revista trata do vestuário como um “ótimo aliado: “*alonga as pernas, disfarça as gordurinhas e é elegante*” (idem, p.35). Ou seja, a roupa tem o poder de transformar um corpo imperfeito num corpo (es)cultural.

Até mesmo para escolher e comprar suas roupas, leitoras de *Capricho* são subjetivadas pelo discurso da Revista, que diz que cada tipo de corpo deve condizer a um modelo específico de vestuário, a fim de ressaltar os aspectos positivos e disfarçar os negativos, da forma corporal.

Um dos fundamentos na hora de comprar um biquíni é saber se o modelo cai bem pro seu corpo. Confira alguns toques básicos para facilitar a vida na hora da escolha:

- Se você tem seios grandes, opte pelos modelos de sutiã com sustentação, como o meia-taça ou o frente-única.
- Ao contrário do que parece, a modelagem mais larga (tipo cueca) não é ideal para quadril largo, mas para quem tem barriguinha saliente.
- O sutiã frente-única funciona bem para quem tem seios separados.
- Se você tem pouco quadril, abuse do cortininha. Ele aumenta o volume e deixa a silhueta mais delineada. (LOSSO, 2007, p.31)

Seguindo essa linha que valoriza as características positivas e esconde as negativas, *Capricho* afirma que existe uma proporção “ideal” entre a altura corporal e o comprimento do cabelo. A explicação de um cabeleireiro, mais um “expert” no assunto, sugere que a menina de estatura baixa use um corte de cabelo curto para “*valorizar as costas e alongar a silhueta*”. Já para as altas, o cabelo comprido ajuda a disfarçar. Para a Revista, essa é uma “*regrinha*” que “*ajuda a equilibrar o visual*” (FERNANDES, 2006, p.77). Estamos falando de harmonia, de simetria. Ao mesmo tempo em que a menina deve alongar a silhueta, também deve disfarçar. Ao mesmo tempo em que não deve ter pernas grossas, as pernas não devem ser finas demais. Tudo tem uma medida certa, nada deve ser exagerado ou escasso. E a própria *Capricho* reconhece essa necessidade de perfeição:

Nosso olhar adora uma simetriazinha. Gostamos de ver a cama com dois criados-mudos do lado, gostamos de ver sapatos combinando (e tem gente que gosta até de combinar sapato com brinco!), gostamos de harmonia (FUCUTA, 2006, p.6).

Ao ser interpeladas pelo discurso do corpo magro, as leitoras aprendem o que deve ou não ser usado. Na seção “*Qual é o seu estilo?*”, uma menina de 18 anos justifica o uso da cor de seu vestuário:

Amo preto e não me canso nunca dessa cor. Ela é discreta e deixa a gente mais magra (FONTES, 2006f, p.54).

Segundo o “*check-list*”, atitude como essa é indicativa de um possível transtorno alimentar. Assim, observo que a Revista produz um arquivo de imagens e enunciados, um estoque de “verdades”, uma dizibilidade e uma visibilidade sobre o corpo ideal que direcionam comportamentos e atitudes anoréxicas, produzindo sujeitos anoréxicos.

6 ESTIVE PENSANDO...

No trabalho, percebo que a mídia, no caso a revista *Capricho*, estimula atitudes que ela mesma considera “sintomas anoréxicos”. Ela mostra que o corpo magro é o corpo perfeito, define e classifica os corpos, apontando suas “imperfeições”, prescreve alternativas para corrigir os desvios, com medidas que vão desde o uso de determinadas roupas até privações alimentares representadas por variadas dietas e exercícios físicos, sujeitando a leitora à busca da imagem ideal. Enquanto isso, alerta para os “perigos” dos transtornos alimentares. Temos então um discurso que considerei em alguns momentos contraditório e incoerente e, em outros, precário. Tais inconsistências são identificadas até pela Revista, quando aponta tais contradições e tenta corrigi-las.

Deste modo, penso que os discursos da revista *Capricho* fascinam, interpelam, convocam suas leitoras e, por fim, as constituem como sujeitos que desejam ter/ser um corpo magro. São as estratégias de poder de Foucault exercendo-se através das técnicas midiáticas, produzindo sujeitos, discursos e estilos de vida. Por isso, avalio que a revista *Capricho*, ao se dirigir ao público adolescente, constitui-se num poderoso artefato cultural que opera no sentido de produzir sujeitos anoréxicos.

REFERÊNCIAS

ABRIL. **PubliAbril**: Publicidade das marcas Abril. São Paulo: Editora Abril S/A, 2006. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9>>. Acesso em: 05 abr. 2007.

ANDRADE, Sandra dos Santos. “**Uma boa forma de ser feliz**”: representações de corpo feminino na revista *Boa Forma*. 2002. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. **Revista Aulas** – Dossiê Foucault, Campinas, n.3, p.1-24, dez. 2006/mar. 2007.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 279p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 260p.

CAPRICO ABRIL. **Capricho - Atendimento ao Leitor [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <nanda.poa@ig.com.br> em 05 abr. 2007.

CORDAS, Táki Athanássios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. Transtornos alimentares: fundamentos históricos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000700002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2007.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 286p. p.13-36.

CRITELLI, Dulce. O belo e o feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.2-2, 07 dez. 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade. 1996. 297f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.114, p.197-223, nov. 2001.

FROW, John; MORRIS, Meaghan. Estudos Culturais. *In*: DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed: 2006. 432p. p.315-344.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 295p.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1999. 79p.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966. 501p.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1983. 280p.

GALVÃO, Ana Luiza; CLAUDINO, Angélica de Medeiros; BORGES, Maria Beatriz Ferrari. Aspectos históricos e evolução do diagnóstico. In: NUNES, Maria Angélica *et al.* **Transtornos Alimentares e Obesidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 416p. p.31-50.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 516p. p. 244-270

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres em Movimento: imagens femininas na *Revista Educação Physica*. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n.2, p.77-94, jul./dez. 2000.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – Estudos Culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454p.

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Os poderes dos corpos frios**: das coisas que ensinam às enfermeiras. Brasília: Aben, 2004. 159p.

MARSHALL, James. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, Tomaz T. da (org). **O sujeito da educação – Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.21-34.

NUNES, Maria Angélica. Epidemiologia dos transtornos alimentares. In: NUNES, Maria Angélica *et al.* **Transtornos Alimentares e Obesidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 416p. p.51-58.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Adolescent Health and Development**. Geneva: World Health Organization, 2004. Disponível em: <http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm>. Acesso em: 01 jun. 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 141-160, jan./jul. 2001.

RIBEIRO, Rúbia Guimarães. **O corpo ideal**: a pedagogia da mídia. In: Coletânea de trabalhos de conclusão do Curso de Enfermagem: primeiro semestre de 2007. Porto Alegre: UFRGS, Escola de Enfermagem, 2007. 1 CD-ROM. cap.33, p.1-43.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Apresentação. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.11-18.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos*. 2006. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SERRA, Giane Moliari Amaral; dos SANTOS, Elizabeth Moreira dos. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p.691-701, 2003

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. Adolescência: monstrosidade cultural? **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.25, n.2, p.151-159, jul./dez. 2000.

STENZEL, Lúcia Marques. A influência da imagem corporal no desenvolvimento e na manutenção dos transtornos alimentares. In: NUNES, Maria Angélica *et al.* **Transtornos Alimentares e Obesidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 416p. p.73-81.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 286p. p.37-72.

REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS

GUEIROS, Gisela. O que uma garota tem que ter para chegar a top? **Capricho**. São Paulo, n.988, p.71, 19 mar. 2006.

FONTES, Cecília. Beleza da vez. **Capricho**. São Paulo, n.988, p.39, 19 mar. 2006a.

BITTENCOURT, Bruna. Coisa rockstar. **Capricho**. São Paulo, n.1003, p.69, 15 out. 2006.

LOSSO, Thais. Verão à mostra. **Capricho**. São Paulo, n.1010, p.31, 21 jan. 2007.

ABRIL, Editora. Saúde! É vital (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.984, p.81, 22 jan. 2006a.

BRAGA, Marcelle. Diário de uma loira. **Capricho**. São Paulo, n.996, p.78, 09 jul. 2006a.

SOALHEIRO, Bárbara. Eu, você e o meu cabelo. **Capricho**. São Paulo, n.1003, p.103, 15 out. 2006

SEMERENE, Bárbara. O que eles acham sexy em uma mulher? **Capricho**. São Paulo, n.984, p.90, 22 jan. 2006.

ABRIL, Editora. Boa Forma (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.986, p.74, 19 fev. 2006b.

ABRIL, Editora. Companhia Athletica – Health and Wellness (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.1006, p.69, 26 nov. 2006c.

WIZARD. Eu quero mudar minha vida! (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.1012, p.13, 18 fev. 2007.

ABRIL, Editora. Boa Forma (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.997, p.49, 23 jul. 2006d.

IL SHIN. **Capricho**. São Paulo, n.1012, p.41, 18 fev. 2007

CABRAL, Paulo. Anorexia: você pode viver sem ela. **Capricho**. São Paulo, n.1006, p.1, 26 nov. 2006.

BESSA, Marina. Game over: O jogo diabólico da anorexia. **Capricho**. São Paulo, n.1006, p.96-101, 26 nov. 2006.

DUPRAT, Nathalia. Problemas na vista. **Capricho**. São Paulo, n.1003, p.104, 15 out. 2006.

GUIA de dietas. **Capricho**. São Paulo, n.1005, p.92, 12 nov. 2006.

FARIA, Fabiana. Intercâmbio sem problemas. **Capricho**. São Paulo, n.1013, p.56, 04 mar. 2007.

BESSA, Marina. Não engula bobagens. **Capricho**. São Paulo, n.1010, p.66-73, 21 jan. 2007.

BARROS, Carol. Faça as malas. **Capricho**. São Paulo, n.1000, p.112, 03 set. 2006.

O TRISTE diário de Sara. **Capricho**. São Paulo, n.1006, p.98, 26 nov. 2006

MADEIRA, Márcio. **Capricho**. São Paulo, n.1010, p.31, 21 jan. 2007

ABRIL, Editora. Companhia Athletica – Health and Wellness (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.1008, p.39, 24 dez. 2006e.

BESSA, Marina. Hora de morfar! **Capricho**. São Paulo, n.971, p.44-47, 24 jul. 2005.

BRAGA, Marcelle. Lanche sarado: acerte o cardápio da malhação. **Capricho**. São Paulo, n.992, p.79, 14 mai. 2006b.

ABRIL, Editora. Companhia Athletica – Health and Wellness (informe publicitário). **Capricho**. São Paulo, n.1000, p.13, 03 set. 2006f.

MALHAÇÃO de fevereiro. **Capricho**. São Paulo, n.986, p.68, 19 fev. 2006.

RIBEIRO, Denise. Teste: Você sabe se cuidar? **Capricho**. São Paulo, n.992, p.102-103, 14 mai. 2006.

FARIA, Julia. Pernas de fora. **Capricho**. São Paulo, n.984, p.78-79, 22 jan. 2006.

FONTES, Cecília. A básica da hora. **Capricho**. São Paulo, n.985, p.50-51, 05 fev. 2006b.

FONTES, Cecília. Vestir vestido. **Capricho**. São Paulo, n.986, p.60-61, 19 fev. 2006c.

FONTES, Cecília. O lado negro do jeans. **Capricho**. São Paulo, n.987, p.60-61, 05 mar. 2006d.

GUARDIAN, Tatiana. Mania de preto. **Capricho**. São Paulo, n.988, p.62-63, 19 mar. 2006.

ANDRÉS, Nino. **Capricho**. São Paulo, n.971, p.45, 24 jul. 2005

FONTES, Cecília. A maldição dos leggings. **Capricho**. São Paulo, n.999, p.30-35, 20 ago. 2006e.

FERNANDES, Tony. Existe uma proporção ideal entre a altura e o comprimento do cabelo? **Capricho**. São Paulo, n.992, p.77, 14 mai. 2006.

FUCUTA, Brenda. Fractais. **Capricho**. São Paulo, n.997, p.6, 23 jul. 2006.

FONTES, Cecília. Qual é o seu estilo? **Capricho**. São Paulo, n.1006, p.54, 26 nov. 2006f.